

FLUXO CONTÍNUO – ARTIGO

Sankofa e Educação Matemática: uma revisão de literatura em busca de possíveis intersecções

Sankofa and Mathematics: a literature review in search of possible intersections

Sankofa y Educación Matemática: una revisión de literatura en busca de posibles intersecciones

Raíssa Stella de Resende Bar¹ e Maurício Rosa²

Resumo

Esta pesquisa investiga artigos que tratam da Sankofa na educação matemática de modo a evidenciar de que maneira essa temática se articula ao campo, qual concepção de Sankofa é adotada e quais resultados são apresentados nos artigos evidenciados na revisão de literatura construída. Entendemos que Sankofa é uma filosofia africana que indica que para avançar é preciso refletir e recuperar as ideias do passado ao valorizar a ancestralidade. Diante disso, nos mobilizamos em direção a ela, para aprendermos com erros coloniais e a vivência de nossos ancestrais de modo a avançarmos ao educar pela(s) matemática(s). Foram analisados dez artigos que apresentam Sankofa a partir do retorno ao passado para projetar o futuro. Algumas pesquisas propõem abordar aspectos matemáticos a partir dos grafismos Adinkra, outras, através de jogos e investigações e dois mobilizam Sankofa para pensar na prática docente. Assim, identificamos possibilidades para mais investigações sobre o tema.

Palavras-chave: Revisão da literatura; Sankofa; Educação Matemática; Adinkra; Formação de professores.

Abstract

This research investigates articles that address Sankofa in mathematics education in order to highlight how these themes are articulated to the field, what conception of Sankofa is embraced and which results are exhibited in the articles found in the literature review. We understand Sankofa as an african philosophy that indicates that in order to move forward it is necessary to reflect and recover the ideas from the past by valuing ancestry. Based on this, we mobilize toward it, to learn from the colonial mistakes and the experience from our ancestors so that we can advance by educating through mathematic(s). We analyzed ten articles that present Sankofa as returning to the past to project the future. Some researches propose to address mathematical aspects through Adinkra graphics, others through games and investigations and two mobilize Sankofa to think about teaching practice. Thus, we identified possibilities to more investigations about the theme.

Keywords: Literature review; Sankofa; Mathematics Education; Adinkra; Teacher training.

Resumen

Esta investigación examina artículos que abordan Sankofa en la educación matemática para destacar cómo este tema se relaciona con el campo, qué concepción de Sankofa se adopta y qué resultados se presentan en los artículos destacados en la revisión bibliográfica. Entendemos Sankofa como una filosofía africana que sugiere que el progreso requiere reflexionar y recuperar ideas del pasado, valorando la ascendencia. Por lo tanto, nos movilizamos hacia ella, para aprender con los errores coloniales y las experiencias de nuestros antepasados de modo a avanzar en nuestra educación por la(s) matemática(s). Se analizaron diez artículos que presentan Sankofa basados en un retorno al pasado para proyectar el futuro. Algunos estudios proponen abordar aspectos matemáticos a través de los grafismos Adinkra, otros a través de juegos e investigaciones, y dos movilizan Sankofa para reflexionar sobre la práctica docente. Por lo tanto, identificamos posibilidades para futuras investigaciones sobre el tema.

Palabras clave: Revisión bibliográfica; Sankofa; Educación matemática; Adinkra; Formación docente.

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil  E-mail: raissastella@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil  E-mail: mauriciomatematica@gmail.com

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Conforme Rosa (2024, p. 10),

Sankofa, então, não se trata simplesmente de extrair algo do passado como se fosse um produto, mas de descobrir e recuperar valores que remetem à humanidade, ao ser consigo, com as/es/os outras/outras/outros e com o mundo, o que sugere ações reveladoras das possibilidades humanas. Inventar, criar, imaginar... são movimentos intencionais que indicam essas possibilidades futuras. Mas, matematicamente, comparar, relacionar, mensurar, temporalizar, especializar... nos remetem a aprender como que nossas/nossas/nossos antepassadas/antepassadas/antepassados liam o mundo e o habitavam, preservando-o, respeitando-o. A ideia é descobrir e recuperar o nosso maior valor, a vida. Nossa ancestralidade nos ensina muito sobre isso, por exemplo, quando não nos limitamos a ser manipulados por dispositivos, recursos e *gadgets* tecnológicos. No entanto, nossas/nossas/nossos ancestrais também experimentaram e fabricaram tecnologias, mas não esqueceram o poder de cantar, dançar, a alegria de viver.

Nesse sentido, buscamos essa filosofia nas aulas de matemática, de forma que a(s) matemática(s) estudada(s) recuperem e descubram a vida como nosso maior valor. Por conseguinte, a formação com professoras/professorias/professores de matemática necessita descobrir, recuperar ou valorizar a vida para que consiga lançar-se ao futuro com esse mesmo intuito. Logo, “a educação *Sankofa* é baseada no voltar-se à ancestralidade para aprender a valorizar a vida, os outros e o mundo” (Rosa, 2024, p. 12).

No entanto, como fazer isso? Como planejar uma ação de formação continuada com docentes de matemática, tendo como base a filosofia *Sankofa*? De que maneira podemos propor um movimento de retorno à ancestralidade e a vivências pessoais e docentes, de modo que professoras/professorias/ professores de matemática possam projetar aulas de matemática que visibilizem e tragam à tona saberes outros, saberes de outras temporalidades ou de outras espacialidades, por exemplo, de povos invisibilizados e subalternizados diante da hegemonia dos saberes eurocêntricos/ocidentais?

Esses questionamentos nos levam a pensar que um primeiro passo pode ser dado ao evidenciarmos pesquisas que relacionam a filosofia *Sankofa* com a educação matemática (seja na formação docente, seja na prática em sala de aula). Esse movimento parte de uma pesquisa mais ampla que está em desenvolvimento e que debate um processo formativo com docentes de matemática que busca proporcionar discussões que abordem os saberes ancestrais em suas respectivas aulas de matemática, sob a perspectiva decolonial. No decorrer das revisões bibliográficas iniciais, encontramos a filosofia *Sankofa* e vimos nela grande potencial para orientar a formação que vislumbra as vivências das/des/dos e com as/es/os docentes.

Nesse momento, nos encontramos nessa encruzilhada de possibilidades, em que, guiados pela *Sankofa*, muitos caminhos podem ser trilhados. Para melhor compreender essas possibilidades, nos dedicamos a estudar um pouco sobre os sentidos atribuídos à *Sankofa* e o que vem sendo proposto quando se pensa na educação matemática. Nesse sentido, Powell e Temple (2001) e Rosa (2024) foram textos que marcaram nosso primeiro movimento analítico em relação à *Sankofa* com educação matemática, porém, se faz necessário ir mais a fundo e analisar com propriedade também outras pesquisas que adotam a *Sankofa* na educação matemática. Assim, esse é o objetivo desta pesquisa: realizar uma revisão de literatura a respeito dos estudos que abordam *Sankofa* e matemática(s) ou educação matemática de modo a evidenciar de que maneira as temáticas se articulam, qual a concepção de *Sankofa* adotada e quais os resultados obtidos.

Antes, porém, para melhor situar a pessoa que está lendo esse artigo, abordaremos os símbolos adinkras como suporte representacional, também do conceito de *Sankofa*, e, em seguida apresentaremos a metodologia de pesquisa, em que explicitaremos onde e como foram realizadas as buscas dos estudos analisados e quais os critérios de seleção dos artigos. Por fim, após classificá-los em grupos de semelhança, temos a análise dos artigos de modo a ir ao encontro dos objetivos desta revisão. Ademais, nas considerações finais, apresentamos as aproximações e distanciamentos entre os materiais analisados, as metodologias e os resultados apresentados nos estudos de modo a destacar as articulações entre *Sankofa* e as matemáticas ou educação matemática.

2. SÍMBOLOS ADINKRA: SANKOFA COMO FILOSOFIA EM DESTAQUE

Sankofa é um conceito Akan, dos povos Ashanti, localizados na região central de Gana. Ele é um conceito entre outros, mais de oitenta, que são representados em forma de grafismos e fazem parte dos símbolos Adinkra que, em conjunto, formam um sistema de escrita pertencente aos povos Ashanti. O sistema é composto por figuras geométricas que possuem cada uma um significado próprio. São um “sistema de escrita pictográfica no qual os símbolos implicam em valores e ensinamentos transmitidos, ao longo das gerações, pela oralidade” (Silva, 2024, p. 121). Assim, a partir de provérbios e metáforas, os símbolos Adinkra representam modos de vida, valores e crenças daquela sociedade que configuram filosofias africanas. Desta maneira, compreendemos os Adinkras como ideogramas que, a partir de representações signo-gráficas transmitem ensinamentos de forma oral e visual e, também, tátil, a partir de outros sentidos como o tato, uma vez que os símbolos também são encontrados em artesanatos e tecidos (Silva, 2024). Ainda conforme essa autora, os ensinamentos compartilhados sob uma perspectiva de cosmo-percepção rompem com o modelo eurocêntrico que privilegia a produção de conhecimento pela visão. A historiadora também destaca que, no Brasil, os símbolos Adinkra ganham outra dimensão a partir da diáspora africana no período da escravização. Isso porque, ela nos mostra que em África os símbolos eram moldados e ornavam artesanatos, joias, instrumentos ritualísticos, mas não eram encontrados nas construções e em portões de ferro. Essa prática de moldar o ferro no formato do símbolo Sankofa ocorre no Brasil como forma de resistência dos povos africanos que vieram à força para serem escravizados. Representa a conexão com o passado, com suas origens, ancestralidades e crenças; em uma forma de sobrevivência da cultura que insere nos portões o símbolo que representa justamente essa conexão com o passado e o futuro.

Sankofa é o conceito Adinkra mais difundido até o momento. Presente em muitos espaços, possui várias significações, mas todas convergem à ideia de retornar e pegar; voltar ao passado e aprender com ele de modo a ser guiado pelo mesmo (Temple, 2010). Ele possui duas representações, as quais podem ser conferidas na figura 1 abaixo:

Figura 1 – Representações de Sankofa



Fonte: Silva (2024, p. 122-123)

Ambas as imagens traduzem em seus traços aquilo que se compreende pelo símbolo Sankofa. Silva (2024) analisa cada elemento dos grafismos e elucida que a forma externa do pássaro (*Assantrophii Anoma*) representa um círculo incompleto (ou, como preferimos pensar, uma espiral) com duas ramificações e os pés fincados (Figura 1b). Assim, o ciclo incompleto (a espiral) representa a ruptura, a mudança com ciclos viciosos, a impermanência; a cabeça voltada para o rabo (Figura 1a) representa a consciência sobre as próprias ações e ela segura o ovo, que representa a potência do devir e a capacidade de renascer e reinventar-se; os pés implicam na necessidade de conhecer suas origens, sua realidade, e também expressam o movimento para o futuro através do caminhar. Nesse sentido,

Ela [a ave] se vira para trás e com o bico pega o ovo que estava no passado, mas que ganhará vida no presente e que aos olhos dos antigos já é um ser vivo para o futuro. O pássaro do presente se volta para o

passado para aprender e adquirir sabedoria, trazendo seu ovo que, dois passos à frente, encontrará o futuro, sem medo, sem se intimidar (Rosa, 2024, p. 11).

Assim como Rosa (2024), Silva (2024, p. 124) assegura que o pássaro “caminha em direção ao futuro, tempo de possibilidades de ação e de ressignificar o passado”. Essa autora também evidencia que todas essas interpretações também podem ser percebidas no coração estilizado (Figura 1b), uma vez que “os espirais do coração demonstram a união entre passado e futuro enquanto as patas do pássaro estão representadas bem ao centro, na parte inferior do símbolo, e relacionam-se com o tempo presente” (Silva, 2024, p. 124). É essa a representação que vemos expressa nos portões de ferro pelo Brasil e que são símbolo e lembrança do retorno necessário à ancestralidade de modo a aprender com o passado para seguir as lutas diárias e moldar o presente e o futuro.

Conforme Silva (2024), foi a partir de Abdias Nascimento que Sankofa foi ressignificada, se tornando símbolo de luta e resistência do movimento negro brasileiro. Símbolo de resgate dos valores e referenciais africanos, contra o apagamento cultural e epistêmico imposto pela colonialidade. Nesse sentido, hoje em dia, é possível encontrar trabalhos que exploram a Sankofa (enquanto simbologia e filosofia africana) junto ao campo da educação e, consequentemente, também na educação matemática. Nas próximas seções, então, iremos nos ater ao campo da educação matemática a partir de uma revisão de literatura que busca evidenciar de que maneira os artigos que abordam esses dois temas os relacionam; que propostas didáticas ou teóricas são discutidas nessa articulação entre Sankofa e educação matemática; e de que modo os trabalhos compreendem Sankofa. Logo, iniciamos apresentando nossa processualidade metodológica.

3. METODOLOGIA DE BUSCAS

Ao nos debruçarmos sobre as produções a respeito do conceito de Sankofa não encontramos artigos que buscaram sistematizar esse conceito, a partir de uma revisão de literatura, em pesquisas desenvolvidas no âmbito da educação matemática. Portanto, buscamos realizar essa pesquisa e evidenciar, de que maneira a Sankofa é articulada com o campo da educação matemática. As buscas foram iniciadas nos dias 17 e 18 de julho de 2025, sendo que no primeiro dia foram realizadas no portal de periódicos da CAPES, perpassando por outras revistas específicas e pelas bases de dados Scopus e Scielo. No segundo, foram realizadas no Google Acadêmico.

Assim, para a seleção dos materiais foi inicialmente realizada pesquisa no Portal de Periódicos da Capes a partir dos descritores (Sankofa AND math*). Encontramos seis artigos, dos quais, dois tinham a ver com a temática a ser analisada: Rosa (2024); Powell e Temple (2001). Os demais abordaram apenas Sankofa e, portanto, não foram selecionados.

O trabalho de Temple (2010) foi um dos obtidos nessa primeira busca e, apesar de não envolver matemática, nos levou, devido a sua localização, a também procurar no repositório Sage Journals que possui uma revista chamada “Journal of black studies”. Nesse banco de dados (Sage Journals) os descritores Sankofa AND mathematics apresentaram 37 resultados, dos quais cinco fazem parte da revista “Journal of black studies”. Realizamos uma análise buscando selecionar a partir dos títulos e resumos dos 37 estudos apenas os que abordavam matemática e Sankofa e nenhum artigo se enquadrou no critério, uma vez que a matemática não era um campo de estudo a ser articulado nos trabalhos, era apenas citada quando os mesmos mencionaram os campos de conhecimento como física, química etc. Na sequência, a mesma pesquisa foi realizada na plataforma Scopus e após aplicar o mesmo filtro para excluir os artigos que não traziam Sankofa e matemática nenhum pôde ser selecionado. A pesquisa no portal Scielo, realizada na sequência, não gerou nenhum resultado.

Por fim, no segundo dia utilizamos os descritores (Sankofa AND matemática) no Google acadêmico e obtivemos 710 trabalhos, excluindo os resultados de citações. Uma análise das 10 primeiras páginas de respostas (100 materiais) forneceu 8 artigos que tratam realmente de Sankofa e matemática. Dos trabalhos encontrados foi

possível selecionar apenas esses artigos, pois muitas pesquisas eram encontradas na busca por serem trabalhos da revista Sankofa, ou fazer menção à mesma, bem como por serem artigos que utilizavam a palavra Sankofa para citar algum autor, outro referencial, ou para se referir ao grupo de pesquisa Aya-Sankofa. Nesse último caso, foram encontrados vários artigos do campo da educação matemática produzidos pelo grupo Aya-Sankofa ou que o mencionava, porém, eles não abordavam o conceito de Sankofa ou o inseriam em suas práticas e, portanto, não foram selecionadas para esta revisão. Alguns artigos que não traziam ambas as temáticas também se mostraram na pesquisa e, portanto, não compõem essa análise. Foram excluídos dessa análise também os livros, TCCs, dissertações e teses que porventura apareceram, mantendo como foco apenas os artigos produzidos.

Assim, para esta pesquisa de revisão de literatura foram analisados 10 artigos evidenciados no quadro 1:

Quadro 1 – Produções identificadas nos repositórios consultados

Portal	Título	(Autor, ano)
Portal de Periódicos CAPES	Seeding ethnomathematics with oware: Sankofa	(Powell; Temple, 2001)
	Cyborgs para um futuro ancestral: a transposição de problemas como ação hacker na educação matemática	(Rosa, 2024)
	Adinkra Mathematics: a study of ethnocomputing in Ghana	(Babbitt <i>et al.</i> 2015)
	IsoPuzzle: conectando educação e cultura por meio de jogos interdisciplinares	(Moura <i>et al.</i> 2024)
Google Acadêmico	Sankofa: decolonialidade matemática, um olhar sobre a mãe Afrika	(Oliveira; Silva, 2023)
	Tecido Adinkra na perspectiva etnomatemática e a formação de professores de matemática	(Peres; Filho, 2020)
	Aprendizes de griô: pesquisa e divulgação da produção científica e tecnológica africana	(Rodrigues <i>et al.</i> 2021)
	Sankofa, a matemática presente em países explorados pelo tráfico negreiro: um relato de experiência na escola pública	(Santiago <i>et al.</i> 2024)
	Artefatos culturais Adinkra como indicadores descritivos culturais para ação pedagógica da etnomodelagem	(Oliveira; Silva, 2023)
	A simetria matemática na simbologia Adinkra	(Viana; Ferreira; Siqueira, 2015)

Fonte: Elaboração pelo(s) autor(es) a partir das buscas nos repositórios.

A análise dos 10 artigos encontrados versa sobre o tema de modo a evidenciar os objetivos, metodologias, referenciais e resultados de cada pesquisa. Assim, visando o quadro geral, buscamos destacar de que modo o conceito de Sankofa foi apresentado e articulado com o campo da educação matemática.

4. ANÁLISE DOS ARTIGOS: SANKOFA E MATEMÁTICA(S)

Para realizar a análise das pesquisas, em um primeiro movimento analítico classificamos as pesquisas em cinco grupos, os quais distinguem-se entre si quanto ao tema abordado: a) história da matemática; b) simetria e geometria; c) jogos e recursos; e d) educação matemática em geral. Percebemos que dois artigos se encontram em mais do que uma categoria, porém só serão apresentados uma vez. No quadro 2 destacamos quantos e quais trabalhos fazem parte de cada grupo:

Quadro 2 – Classificação dos artigos

Classificação	Título	(Autor, ano)
História da Matemática	Sankofa: decolonialidade matemática, um olhar sobre a mãe Afrika	(Oliveira; Silva, 2023)
	Aprendizes de griô: pesquisa e divulgação da produção científica e tecnológica africana.	(Rodrigues et al. 2021)
Simetria e Geometria	Artefatos culturais Adinkra como indicadores descritivos culturais para ação pedagógica da etnomodelagem	(Silva; Rocha; Orey, 2023)
	A simetria matemática na simbologia Adinkra	(Viana; Ferreira; Siqueira, 2015)
	Tecido Adinkra na perspectiva etnomatemática e a formação de professores de matemática	(Peres; Filho, 2020)
	IsoPuzzle: conectando educação e cultura por meio de jogos interdisciplinares	(Moura et al. 2024)
Jogos e Recursos	IsoPuzzle: conectando educação e cultura por meio de jogos interdisciplinares	(Moura et al. 2024)
	Seeding ethnomathematics with oware: Sankofa	(Powell; Temple, 2001)
	Sankofa, a matemática presente em países explorados pelo tráfico negreiro: um relato de experiência na escola pública	(Santiago et al. 2024)
	Adinkra Mathematics: a study of ethnocomputing in Ghana	(Babbitt et al. 2015)
Educação Matemática	Artefatos culturais Adinkra como indicadores descritivos culturais para ação pedagógica da etnomodelagem	(Silva; Rocha; Orey, 2023)
	Cyborgs para um futuro ancestral: a transposição de problemas como ação hacker na educação matemática	(Rosa, 2024)

Fonte: Elaboração pelo(s) autor(es).

Iniciamos a partir do grupo sobre História da Matemática. O artigo de Oliveira e Silva (2025), *Sankofa: decolonialidade matemática, um olhar sobre a mãe Afrika*, foi publicado nos anais do XX Encontro Baiano das Licenciaturas em Matemática e visa evidenciar contribuições dos povos africanos para a matemática. Assim, os autores dialogam sobre a etimologia da palavra África/Áfrika, discutem sobre colonialismo, colonialidade e decolonialidade e introduzem o conceito de Sankofa como *olhar para o passado para trilhar um bom futuro*, de modo a defender a necessidade de se voltar à história da matemática por meio de antigos artefatos e ossos que evidenciam o surgimento do pensamento matemático no continente africano (os registros mais antigos são de regiões da África o que sugere a origem da matemática nesse território).

O artigo de Rodrigues et al. (2021), *Aprendizes de griô: pesquisa e divulgação da produção científica e tecnológica africana*, vai ao encontro da proposta de Oliveira e Silva (2025) uma vez que também propõe divulgar contribuições africanas para as ciências, porém vai além do campo da matemática e apresenta a importância das descobertas africanas na medicina, astronomia, filosofia e mumificação. Diferente do anterior, aqui o conceito de Sankofa é apresentado como contribuição dos povos africanos uma vez que os autores trazem a filosofia Adinkra como importante contribuição.

Rodrigues et al. (2021) escolhem o termo Sankofa para evidenciar e destacam que cada símbolo Adinkra possui três níveis de interpretação: significado literal, simbólico e metafísico. No caso de Sankofa, os autores apresentam, respectivamente os significados como: a) voltar para apanhar o que ficou para trás (literal); b) podemos aprender muito com o passado (simbólico); e c) importância de visitarmos a sabedoria de nossos ancestrais para construir o futuro (metafísico). Além disso, para sustentar sua pesquisa os autores dissertam sobre formação cidadã, colonialidade, epistemicídio, apropriação indevida de saberes e eurocentrismo.

Assim, com base nos artigos deste grupo, encontramos não só diferentes abordagens, como diferentes usos de Sankofa, de forma que a Sankofa encontra aporte teórico na história africana, sendo apresentada enquanto

conceito filosófico africano, evidenciando a produção de conhecimento dos povos Ashanti. Ademais, o conceito de Sankofa por sua vez sustenta a ideia de busca pela história da matemática em África, olhando para o passado para trilhar um bom futuro, no qual a origem de registros matemáticos é africana.

Na categoria Simetria e Geometria encontramos quatro artigos. O primeiro, chamado *Artefatos culturais Adinkra como indicadores descritivos culturais para ação pedagógica da etnomodelagem*, de Silva, Rocha e Orey (2023), traz a etnomodelagem (abordagemêmica, ética e dialógica) e a etnomatemática como aportes teóricos para pensar sobre ações pedagógicas guiadas pela lei 10.639. Eles apresentam dados de uma entrevista semiestruturada com o diretor da Casa de Cultura Negra que apresentou aos pesquisadores os símbolos Adinkras. Assim, os autores apresentam a história dos artefatos culturais Adinkras, dissertam sobre a lei 10.639 e evidenciam as relações de simetria presentes nos símbolos destacando sua potencialidade de uma ação pedagógica holística em sala de aula, uma vez que essa ação possibilita trabalhar com arte, cultura, história e matemática. Nesse artigo, Sankofa é definido como “retorne e pegue-o” e abordado de maneira a ser um dos artefatos adinkras que podem ser explorados em sala de aula.

O segundo artigo deste grupo, intitulado *A simetria matemática na simbologia Adinkra* (Viana; Ferreira; Siqueira, 2015), como o nome já diz, também abordou os conceitos de simetria a partir dos signo-gráficos Adinkra. A diferença neste trabalho foi o destaque à formalização dos tipos de simetria a partir de matrizes e pontos no plano cartesiano e o modo como isso influenciou a análise dos símbolos. Aqui, também, encontramos Sankofa na posição de um objeto a ser explorado, a partir dos eixos de simetria, definido como “volte e pegue” e relacionado à ideia de aprender com o passado. Os autores destacam que os símbolos são uma evidência da presença da matemática na “composição de linguagem e produções artísticas” (Viana; Ferreira; Siqueira, 2015, p. 157).

Além desses, Peres e Filho (2020) publicaram *Tecido Adinkra na perspectiva etnomatemática e a formação de professores de matemática*, de modo a evidenciar novos olhares à cultura negra e à geometria, a partir do estudo da estamparia africana dos povos de Gana. Eles evidenciam a presença do tecido e símbolos Adinkra na cultura desses povos e destacam a possibilidade de trabalhar conceitos de geometria plana e de simetria, de modo a abordar também importantes elementos da Filosofia Adinkra. Assim, evidenciam que a filosofia é formada por provérbios que são associados a diferentes símbolos que carregam mensagens, virtudes, sabedorias e a ancestralidade daquele povo. Nesse sentido, apresentam o conceito de Sankofa (que é tratado como um tema de estudo para se levar aos alunos em aulas de matemática) como “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás” (Peres; Filho, 2020, p. 399).

Por fim, embora o artigo de Moura et al. (2024) também aborde noções de simetria, ele será apresentado na próxima seção, pois, o foco do artigo é apresentar o jogo *IsoPuzzle* desenvolvido. Assim, nos três trabalhos expostos vemos convergir no grupo Simetria e Geometria o conceito atribuído à Sankofa, bem como o papel que o símbolo ocupa no texto, como algo a ser explorado por meio das noções geométricas, também propicia um espaço de discussão sobre a produção filosófica dos povos africanos, evidenciando-os como produtores de conhecimento. Nenhum dos artigos analisou essas práticas em sala de aula.

A categoria Jogos e Recursos conta com quatro artigos. Iniciamos por *IsoPuzzle: conectando educação e cultura por meio de jogos interdisciplinares*, de Moura et al. (2024), o segundo artigo de anais de evento obtido nas buscas. Os autores apresentam um jogo desenvolvido por meio da temática afro que consiste em um quebra-cabeças que utiliza translação, reflexão e rotação e que apresenta os símbolos Adinkra como prêmios recebidos pelos jogadores a cada nova partida. O artigo busca analisar o conhecimento técnico do jogo e “sua importância como ferramenta de promoção da educação intercultural e da valorização da cultura africana” (Moura et al. 2024, p. 2). Assim, dissertam sobre o jogo, a metodologia PEED (Promoção do Envolvimento de Especialistas de Domínio) e destacam a imersão à cultura *Ashanti* e *Akan* a partir da possibilidade de conectar a matemática ao contexto cultural. Sankofa é definida como “retomar e pegar” e “compreender o passado”.

Powell e Temple (2001), por sua vez, apresentam um breve artigo intitulado *Seeding ethnomathematics with oware: Sankofa*, em que dissertam sobre o jogo Oware (Mancala) e suas potencialidade no ensino de matemática. O artigo apresenta as regras do jogo, as ideias matemáticas no mesmo e traz Sankofa de modo a justificar esse olhar para a matemática presente nos jogos africanos por meio da etnomatemática. Sankofa, portanto, é apresentada como um retorno ao passado no sentido de que “para avançar, deve-se refletir e reivindicar ideias culturais tradicionais” (Powell; Temple, 2001, p. 1, tradução nossa).

O terceiro artigo deste grupo, também aborda jogos e é de Santiago *et al.* (2024) que escrevem o artigo *Sankofa, a matemática presente em países explorados pelo tráfico negreiro: um relato de experiência na escola pública*. No entanto, apesar do título apresentar o termo Sankofa, encontramos um trabalho sobre afrocentricidade; preocupado com a necessidade de uma revisão curricular que evidencie as contribuições africanas, o qual, dessa forma, apresenta um relato de experiência a respeito de um projeto de extensão que trabalhou com diversos jogos africanos em aulas de matemática, mas que não faz uso direto do conceito de Sankofa. O conceito não foi propriamente explorado, nem ao longo do texto e nem nas práticas realizadas. A única menção ao termo nos leva a pensar que Sankofa colabora com a ideia de entrelaçar jogos africanos à história e à cultura dos países africanos discutindo o tráfico negreiro, uma vez que trazem no relato a série “Sankofa: A África que te habita” da Netflix, para que as bolsistas do projeto de extensão entendessem um pouco mais sobre a história do tráfico negreiro na pesquisa. Nesse sentido, o conceito não foi abordado, mas praticado por meio do Cinema que fez as bolsistas imergirem e se sentirem no passado.

Desta forma, percebemos que os artigos que abordaram jogos trouxeram diferentes possibilidades de inserção destes em sala de aula, com saberes ancestrais e conhecimentos outros. Powell e Temple (2001) não trazem o conceito de Sankofa dentro do jogo, mas, o trazem de modo a embasar a pesquisa realizada com o jogo Mancala que evidencia aspectos matemáticos presentes no cotidiano dos povos de Gana que tinham este jogo como prática. Já o artigo de Moura *et al.* (2024) leva os símbolos Adinkras e, conseqüentemente, Sankofa, para dentro do jogo a ser apresentado. Os conceitos atribuídos à Sankofa, nessa categoria, foram muito semelhantes, remetendo à ideia de aprender com o passado.

Nesse grupo, apenas um artigo trouxe um software para explorar os símbolos Adinkra. Intitulado *Adinkra Mathematics: a study of ethno computing in Ghana*, de Babbitt *et al.* (2015), esse artigo buscou investigar o uso de uma simulação computacional que permite que os estudantes desenhem os símbolos Adinkras ao gerarem códigos de bloco que expressam curvas logarítmicas. Os autores se apoiam nos conceitos de etnocomputação e etnomatemática de modo a utilizar recursos que valorizem a cultura local na educação em Gana.

Destarte, uma turma de 19 estudantes foi dividida em dois grupos que realizaram diferentes investigações: um explorou as curvas logarítmicas a partir do software e da investigação a respeito dos símbolos Adinkras, outro explorou as curvas a partir de abordagens com o Geogebra e recursos sem o apelo cultural. A aplicação de um pré-teste e de um pós-teste com cada aluno sugere a comparação dos resultados e destaca que o grupo com “melhor” aproveitamento foi o que interagiu com o software e que teve contato com os aspectos culturais. Embora discordemos da metodologia apresentada para sustentar os resultados apresentados, entendemos que a prática com o software é profícua e pode gerar contribuições significativas à educação matemática. Ademais, ao longo do artigo, Sankofa é um dos símbolos apresentados como exemplo formado por curvas logarítmicas e tem seu significado apresentado como “você sempre pode voltar às suas origens”.

Por fim, a última categoria a ser analisada é a que diz respeito à educação matemática de modo geral. Entendemos que os demais artigos também tratam da educação matemática, porém nesses dois últimos, desse grupo, o uso do termo Sankofa é empregado de modo a pensar sobre a educação matemática, sobre o ato de educar pela(s) matemática(s). Aqui encontramos Silva, Rocha e Orey (2023) - que já foi abordado junto aos artigos que trouxeram aspectos de simetria e geometria, mas que destaca a Etnomodelagem na compreensão dos símbolos

Adinkra por meio de sua abordagem dialógica - e Rosa (2024). Nos atemos, então, à análise do artigo *Cyborgs para um futuro ancestral: a transposição de problemas como ação hacker na educação matemática* (Rosa, 2024).

Esse artigo está sendo apresentado por último, pois é o que nos apresenta a definição mais completa sobre o que pode ser o conceito atribuído à Sankofa. O autor tem como objetivo debater sobre “qual é a responsabilidade social da educação matemática cyborg em um futuro tecnológico e como se posicionar diante dela” (Rosa, 2024, p. 3). Para pensar sobre o tema, debate sobre realidade, tecnologia, Cyberformação, cyborgs e explora noções de futuro ancestral. Para esse último tema, evidencia o pensamento de Krenak de que precisamos nos guiar por nossos ancestrais e apresenta a filosofia Sankofa.

Vários referenciais são mobilizados de modo que muitas possibilidades de sentido são evidenciadas para Sankofa. Muitas convergem às definições apresentadas pelos demais artigos analisados, porém destacamos aqui as que diferem e fornecem outros sentidos para a reflexão. Rosa (2024, p. 10), apresenta Sankofa como “descobrir e recuperar valores”, também a apresenta como “aprender com a ancestralidade, voltar-nos para trás, ou seja, olhar para trás com olhos no futuro, vivendo o agora”. Além disso, nos apresenta Coleman e Johnson (2009) para uma outra definição: “sentimento de olhar para trás para ir em frente. Está enraizada na noção de que conhecer a própria história é fundamental para a orientação adequada do seu futuro. A noção de Sankofa também implica que tudo o que fazemos é interligado e cíclico” (Coleman; Johnson, 2009, p. 19, *apud* Rosa, 2024, p. 10). O autor ainda complementa ao destacar que o melhor seria pensar nesse cíclico, na verdade, como uma espiral, ou vórtice, que evidencia o fluxo contínuo de vai e vem em direção ao futuro, pois,

Nossas agências se movem na direção do futuro em um fluxo contínuo que vai e volta, em infinitas linhas curvas que se cruzam e se entrecruzam, em um movimento de ir e vir, para todos os lados, retornando e prostrando-se diante do que de fato faz a diferença. Isso acontece com a presença das/des/dos outras/outres/outros e do mundo conosco, o tempo todo. (Rosa, 2024, p. 11)

Temos, portanto, outros elementos para pensar sobre os possíveis conceitos de Sankofa. O autor ainda reflete sobre a *héxis* política, o educar(-se) pelas matemáticas e a transposição de problemas de modo que a filosofia Sankofa torna-se um aporte teórico para pensar sobre outros movimentos possíveis no âmbito da educação matemática, visando um futuro ancestral, que preserva a ancestralidade por meio desse retorno ao passado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo apresentado um pouco sobre cada artigo, destacando os objetivos, as análises realizadas e as atribuições ao símbolo/filosofia Sankofa, propomos a reflexão sobre esses estudos de acordo com um panorama geral, de modo a evidenciar aproximações e distanciamentos entre os próprios estudos. Nesse sentido, percebemos que o signo Sankofa, apesar de ser explicado pelos autores a partir de diferentes provérbios e frases, converge para um sentido comum que evidencia a necessidade de retorno ao passado (reúne a valorização da ancestralidade, também representada a partir da ideia de origem) para pensar e projetar as ações que visam um futuro próspero, que promova avanços em direção ao “onde” se pretende caminhar. Assim, os sentidos atribuídos ao conceito convergiram àqueles que destacamos no referencial teórico deste artigo (Silva, 2024; Temple, 2010; Rosa, 2024) e que evidenciamos como os que abrangem e sustentam o todo. Assim, apesar de muitos estudos não se aprofundarem tanto na análise do conceito de Sankofa, há aqueles que apresentaram possibilidades de compreensão que se diferenciam no sentido de ampliar um pouco e especificar o conceito em si.

Nesse sentido, destacamos Rosa (2024) que amplia a noção de ciclo para vórtice, uma vez que ciclo representaria a visão de repetição, como se o retorno ao ponto de partida implicasse a reprodução do mesmo caminho a ser trilhado, sem alterações ou variações. Assim, a concepção de Sankofa como uma espiral dialoga com a evidenciada por Silva (2024) ao analisar que é uma definição que sustenta o retorno ao passado para projetar o futuro, já diferente, já em outra temporalidade e espacialidade. Ademais, a simbologia reflete ao mesmo tempo

que Sankofa corresponde ao movimento a ser traçado no próprio desenho dos símbolos. Matematicamente há o que se pensar e educar(-se).

A impermanência, a possibilidade de ruptura com os vícios e padrões que não geram bons resultados à vida e ao coletivo, o destaque à consciência de suas próprias ações e o reconhecimento da ancestralidade e suas ações passadas, podem levar à potencialidade da reinvenção no caminhar em direção ao futuro... Ou seja, essas e muitas outras ideias expressam o conceito de Sankofa. Por isso, não é simplesmente definido a partir de uma frase única, compacta e preenchida de todo conteúdo. É um conceito denso, que carrega uma filosofia e que rege um modo de vida que propõe o retorno à ancestralidade, às bases que permeiam o passado, para saber como caminhar.

Nesta pesquisa buscamos elucidar como esse conceito vem sendo articulado com a educação matemática. Assim, se apresentaram artigos que, com base na concepção de Sankofa, se voltaram à história da matemática de modo a desconstruir a narrativa da história única, que apresenta a Matemática como ciência europeia. No caso de [Rodrigues et al. \(2021\)](#), o próprio símbolo Sankofa é revisitado como importante construção de conhecimento que articula filosofia e relações matemáticas de simetria. Outros artigos vão nesse sentido e propõem práticas em sala de aula que evidenciem essas relações, seja a partir de jogos ou de explorações geométricas. Até mesmo articulado ao estudo das curvas logarítmicas por meio de um software.

Essas diferentes formas de uso de Sankofa evidenciam uma potencialidade do grafismo já que pode ser explorado diretamente de diferentes maneiras em sala de aula, promovendo espaços de descoberta e reflexão quanto à filosofia Adinkra e a história da produção de conhecimento no continente africano. Indo além desse aspecto prático, a filosofia expressa em Sankofa também possui potencial para embasar práticas e ações docentes que visem atuar em direção a um futuro ancestral ou que promovam o retorno ao passado de modo a “voltar para pegar o que ficou para trás” de modo a explorar aspectos da história da matemática e evidenciar as produções africanas - que compõem os registros matemáticos mais antigos.

Assim, percebemos que os conceitos de Sankofa dispõem de um campo fértil na educação matemática, porém pouco explorado. É preciso compreender as nuances no conceito de Sankofa e sua estrutura para projetar espaços que a permitam fazer florir novas possibilidades para o ensino de matemática. De que maneira utilizar os grafismos de Sankofa em análises geométricas pode propiciar maior discussão a respeito de suas simbologias e da cultura em África? Essa pergunta evidencia algo que faltou na maior parte dos artigos: as figuras serviram apenas como exemplos ou tiveram seu sentido investigado? É importante que, ao levar esses conhecimentos e símbolos ancestrais para as aulas de matemática, eles não sirvam apenas de exemplo ou objeto de investigação a partir de determinado conteúdo matemático, mas que se possa ir além, investigando seus sentidos e significados em sala de aula. Uma investigação a partir da análise de [Silva \(2024\)](#), por exemplo, que analisa cada aspecto da figura buscando evidenciar o que essa representa, seria, a nosso ver, muito interessante e enriqueceria o debate em sala de aula. Nesse sentido, se faz necessário mais pesquisas que explorem o uso da simbologia Adinkra - com foco em Sankofa - em aulas de matemática de modo a destacar o conhecimento africano (Adinkra) e sua filosofia.

Ademais, outro aspecto importante é que Sankofa pode ser relacionada à educação matemática por meio da articulação materializada na filosofia Sankofa com a prática docente. Em seu artigo, [Rosa \(2024\)](#) evidencia a possibilidade da/de/do docente, guiado pela Sankofa, projetar aulas que visem um futuro ancestral. Nesse sentido, outras possibilidades podem ser exploradas por meio de pesquisas que investigam a formação inicial de professorias e a formação continuada com base nesse pensamento filosófico. Como Sankofa pode embasar ações de formação? De que maneira essas ações podem levar docentes de matemática a realizar movimentos de retorno ao passado, ruptura e reinvenção tendo como base a filosofia Sankofa? De que modo os docentes de matemática avaliam sua prática com base em Sankofa? Articulações entre o movimento da Sankofa no ensino de matemática e a perspectiva decolonial também podem gerar análises profícuas. Nesse caso, apenas um artigo apresentou

os conceitos de decolonialidade (Oliveira; Silva, 2023) e diante disso, acreditamos que outras possibilidades de pesquisa se mostram em aberto e encontram um fértil caminho de investigação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq pelo apoio à pesquisa. Reconhecemos a importância desse apoio não apenas para este estudo, mas para a construção de uma ciência comprometida com a transformação social e com a educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

- BABBITT, William; LACHNEY, Michael; BULLEY, Enoch; EGLASH, Ron. Adinkra Mathematics: a study of ethnocomputing in Ghana. **Multidisciplinary Journal of Educational Research**, v. 5, n. 2, p. 110–135, 2015. Citado 5 vezes nas páginas 5, 6, 8.
- COLEMAN, M. Nicole; JOHNSON, Adanna J. Sankofa: History of and Aspirations for Black Psychology Through the Eyes of Our Elders. In: NEVILLE, Helen A.; UTSEY, Shawn O.; TYNES, Brendesha M. (ed.). **Handbook of African American Psychology**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc., 2009. p. 19–32. ISBN 9781412956888. Citado 1 vez na página 9.
- MOURA, Thiago; CIVARDI, Jaqueline; BERRETTA, Luciana; CARVALHO, Sergio. Conectando Educação e Cultura por meio de Jogos Interdisciplinares. In: ANAIS do XXIII Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital. Manaus, 2024. p. 12. Citado 10 vezes nas páginas 5–8.
- OLIVEIRA, Fabrício S.; SILVA, Tássio de J. Sankofa: decolonialidade matemática, um olhar sobre a mãe Afrika. In: ANAIS do XX Encontro Baiano de Educação Matemática e IX Fórum Baiano das Licenciaturas em Matemática. Paulo Afonso, 2023. p. 12. Citado 7 vezes nas páginas 5, 6, 11.
- PERES, Élide de S.; FILHO, Erasmo B. de S. Tecido Adinkra na Perspectiva Etnomatemática e a Formação de Professores de Matemática. **Revista da ABPN**, v. 12, n. 31, p. 391–409, 2020. Citado 6 vezes nas páginas 5–7.
- POWELL, Arthur B.; TEMPLE, Oshon L. Seeding Ethnomathematics with Oware: Sankofa. **Teaching Children Mathematics**, p. 369–375, 2001. Citado 9 vezes nas páginas 2, 4–6, 8.
- RODRIGUES, Victor A. B.; SOUSA, Nicole G.; NADAL, Lisandra M. K.; CASSIANI, Suzani. Aprendizagem de Griô: pesquisa e divulgação da produção científica e tecnológica africana. **Abatirã - Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 2, n. 3, p. 242–259, 2021. Citado 7 vezes nas páginas 5, 6, 10.
- ROSA, Maurício. Cyborgs para um Futuro Ancestral: a transposição de problemas como ação hacker na educação matemática. **Revista Eletrônica de Educação Matemática**, p. 1–30, 2024. ISSN 1981-1322. DOI: [10.5007/1981-1322.2024.e97721](https://doi.org/10.5007/1981-1322.2024.e97721). Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1981-1322.2024.e97721>. Citado 19 vezes nas páginas 2, 4–6, 9, 10.
- SANTIAGO, Henrique A. B.; SANTOS, Miquele P. M. dos; NASCIMENTO, Stéphane L. S. do; SILVA, Suiane P. da. Sankofa a Matemática Presente em Países Explorados pelo Tráfico Negro: um relato de experiência na escola pública. **Estudos IAT**, v. 12, n. 1, p. 219–237, 2024. Citado 5 vezes nas páginas 5, 6, 8.
- SILVA, Ana Julia. **Didática construtivista da história como proposta para a educação antirracista**. 2024. f. 221. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/0b5f4423-4902-4377-b4ce-1e79ea8bf31b>. Citado 11 vezes nas páginas 3, 4, 9, 10.

SILVA, João B. N.; ROCHA, Kelly C. S.; OREY, Daniel C. Culturais Adinkra como Indicadores Descritivos Culturais para Ação Pedagógica da Etnomodelagem. **Journal of Mathematics and Culture**, v. 17, n. 2, p. 145–165, 2023. Citado 6 vezes nas páginas 6–8.

TEMPLE, Christel N. The Emergence of Sankofa Practice in the United States: a modern history. **Journal of Black Studies**, v. 41, n. 1, p. 127–150, 2010. Citado 3 vezes nas páginas 3, 4, 9.

VIANA, Edlaine G. B.; FERREIRA, Gessé P.; SIQUEIRA, Angelo S. A simetria matemática na simbologia Adinkra. **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**, v. 1, n. 1, p. 143–158, 2015. Citado 6 vezes nas páginas 5–7.

APÊNDICE – DETALHES EDITORIAIS

Histórico

Submetido: 18/08/2025

Aprovado: 20/12/2025

Publicado: 12/02/2026

Como citar esse artigo (ABNT)

BAR, Raíssa Stella de Resende; ROSA, Maurício. Sankofa e Educação Matemática: uma revisão de literatura em busca de possíveis intersecções. **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, Belém/PA, n. 56, e2026005, 2026. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2026.n56.e2026005.id795>

Como citar esse artigo (APA)

Bar, R. S. de R., & Rosa, M. (2026). Sankofa e Educação Matemática: uma revisão de literatura em busca de possíveis intersecções. *REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura*, (56), e2026005. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2026.n56.e2026005.id795>

Financiamento

Não se Aplica.

Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política de financeira referente a este artigo.

Contribuição dos Autores

Resumo/Abstract/Resumen: Raíssa Stella de Resende Bar, Maurício Rosa; **Introdução ou Considerações iniciais:** Raíssa Stella de Resende Bar, Maurício Rosa; **Referencial teórico:** Raíssa Stella de Resende Bar, Maurício Rosa; **Metodologia:** Raíssa Stella de Resende Bar, Maurício Rosa; **Análise de dados:** Raíssa Stella de Resende Bar, Maurício Rosa; **Discussão dos resultados:** Raíssa Stella de Resende Bar, Maurício Rosa; **Conclusão ou Considerações finais:** Raíssa Stella de Resende Bar, Maurício Rosa; **Referências:** Raíssa Stella de Resende Bar, Maurício Rosa; **Revisão do manuscrito:** Raíssa Stella de Resende Bar, Maurício Rosa; **Aprovação da versão final publicada:** Raíssa Stella de Resende Bar, Maurício Rosa.

CRedit – Taxonomia de Papéis de Colaborador – <https://credit.niso.org/>.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura** os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura** têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como ‘acesso aberto’ quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la – ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



Licença de Uso

Este artigo é licenciado sob a Licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY NC ND 4.0)**. Essa licença permite que qualquer pessoa leia, baixe, copie, distribua e compartilhe os conteúdos, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial na **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, é vedado o uso comercial e a criação de obras derivadas, incluindo traduções, adaptações ou modificações, sem autorização prévia dos autores.



Verificação de Similaridade

Este artigo foi submetido a uma verificação de originalidade por meio do software **iThenticate** (Turnitin), utilizando o serviço **Similarity Check da Crossref**, com o objetivo de identificar possíveis sobreposições de texto e garantir a integridade acadêmica, a conformidade ética e a originalidade da publicação.



Processo de Avaliação

Este artigo foi submetido a um processo de Revisão por Pares Duplo-Cega (*Double blind peer review*), no qual tanto a identidade dos autores quanto a dos avaliadores permaneceu confidencial durante todas as etapas da avaliação, assegurando imparcialidade, rigor científico e integridade editorial.

Avaliadores

Dois pareceristas *ad hoc* avaliaram este artigo e não autorizaram a divulgação dos seus nomes.

Editores

Prof. Dr. Iran Abreu Mendes – Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará, Brasil

Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias – Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará, Brasil

Editor da Seção

Prof. Dr. Luis Andrés Castillo Bracho – Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará, Brasil

Publisher

Este artigo foi Publicado na **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, revista do **Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM)**, grupo vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA). A **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura** publica artigos, resenhas e entrevistas provenientes de estudos e pesquisas das áreas de Educação, Ensino, Cultura e Educação Matemática e Científica, propiciando um diálogo e subsídios para o desenvolvimento do conhecimento científico. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião corpo editorial da **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura** ou do referido grupo de pesquisa. Na Avaliação CAPES (2021-2024) a referida revista obteve **Qualis A3**.

